

Afetos sintéticos – emoções, drogas e descontrole nas festas de música eletrônica

Debate o discusión en teoría social

GT 26- Sociología del cuerpo y de las emociones

Thiago Tavares das Neves

Resumo

A festa é uma categoria basilar da civilização humana, é expressão da cultura e da sociedade de um determinado povo. As festas de música eletrônica não seriam uma exceção. Os afetos, as drogas e o descontrole funcionam neste artigo como operadores cognitivos e conceituais para entender as dimensões sociais, culturais e filosóficas da nossa sociedade contemporânea. O trabalho tem como objetivo fazer uma abordagem teórico-epistemológica sobre esse tipo de festa partindo desses três elementos. Os afetos aqui também são induzidos por substâncias ilícitas, principalmente o ecstasy, atuando ora como congregador ora dissipador de individualidades. O descontrole é consequência, atuando no campo da excitação coletiva. As festas de música eletrônica acabam tornando-se reflexo de uma sociedade já considerada excitada.

Palavras-chave: afetos; festas de música eletrônica; ecstasy.

Os afetos estruturam a base da sociedade e da cultura. Sem os afetos não seriam possíveis as relações humanas. As trocas, os vínculos, os amores, os desamores, as amizades, os rompimentos, as paixões, os conflitos, as intrigas, as comunicações, as associações e a própria construção do conhecimento seriam inimagináveis. A festa, por exemplo, como pensar uma celebração festiva sem afeto, sem sentimento, sem emoção, sem comunhão entre os participantes?

A festa, assim como o afeto, é uma categoria estruturante da civilização humana, é expressão da cultura e da sociedade de um determinado povo. O mundo é repleto de festas e rituais desde a pré-história. As festas evocam o retorno de emoções e sentimentos já esquecidos, a busca de um prazer que liberte das correntes existenciais e elimine o sentimento de solidão, proporcionando sentido à vida. Por meio das celebrações festivas, o ser humano consegue estreitar os laços com o outro, construindo uma sociabilidade de base, que também por meio da partilha de sentimentos, edifica o cimento societal. (Maffesoli, 2006).

A festa é mais do que a festa, é combustão da vida e regeneradora da sociedade. É também produtora da vida, é o lugar do desejo, do gozo, do excesso, do descontrole, do dispêndio, da empatia, das relações emocionais e afetivas, do encontro de consciências, de sensibilidades diversas. A festa reúne uma pluralidade de sentimentos e emoções, da felicidade à melancolia, da alegria à tristeza, como nos ritos funerários. Os afetos ocupam papel especial em todas as festas, as de música eletrônica não são uma exceção.

As festas de música eletrônica englobam diversos eventos. Este universo abrange as *raves* comerciais, *underground* e em lugares abertos em contato com a natureza. As comerciais geralmente têm grande divulgação na mídia. São realizadas em arenas, estádios ou locais para *shows*, trazendo grandes *DJs*ⁱ conhecidos mundialmente. Há também as do tipo *underground*, em que a divulgação geralmente é pouca, comumente realizada de forma oral, acontece em lugares abandonados, e os

frequentadores habitualmente já se conhecem entre si. Outro tipo de festa de música eletrônica são as *raves* em lugares abertos: praias, sítios, granjas, cujo intuito é de destacar o contato com a natureza.

É importante ressaltar as festas de música eletrônica que acontecem em casas- noturnas (clubes e bares). Clubes e bares também são relevantes no contexto desse tipo de festa, porém não são *raves* em *stricto sensu*. Algumas vezes, o espaço é reservado para *raves* mensais ou a *rave* acontece apenas uma vez naquele clube. Tudo isso negociado com os *promoters* da casa. O *promoter* é responsável pela seleção dos *DJs*, feita com base no público que deseja atingir e no estilo de música a ser tocado no lugar. Em alguns casos, cabe a ele também distribuir *flyers*, ajudar na iluminação e na decoração do ambiente. As diferenças das *raves* para festas em clubes, de acordo com os frequentadores, incluem o horário que na maioria das vezes não dura muito tempo nas casas-noturnas (5 a 7 horas de duração), enquanto nas *raves* o tempo é bem maior, algumas *raves* chegam a durar 12 a 24 horas. Outra diferença é a venda exclusiva de álcool e a proibição da venda de outras drogas consideradas ilícitas. Os frequentadores de clubes geralmente estão lá com o intuito de paquerar, tomar alguma bebida alcoólica, dançar, dentre outras razões; já nas *raves* o maior objetivo é dançar. Contudo, é relevante ressaltar que a cena *rave* começou em clubes. Eles fazem parte da história. (Sylvan, 2005).

O termo *rave* surgiu a partir da mídia inglesa quando as pessoas se referiam a uma festa espetacular de grande porte. *Rave* é também adjetivo, significa entusiasmado (a). Palavra que remete a outras como excitação, empolgação, características encontradas nesses eventos. A música tocada é a eletrônica. Geralmente tocada em um volume alto, cabendo ao *DJ* guiar a vibração dos dançantes, pois é ele o grande condutor da energia entre os presentes. O que distingue as *raves* é o conceito de experiência compartilhada; nasce um sentimento de unidade, promovendo uma abertura nas pessoas para o outro. Abertura que só se dá por causa dos afetos, da ação de afetar e de ser afetado.

Spinoza e os afetos

Os afetos são modos de pensar, de conhecer, são a razão de ser do homem e podem ser compreendidos como sentimentos. O afeto move o sujeito, é a própria essência do homem que de forma recursiva, afeta a realidade e é afetado por ela. Os afetos são compreendidos neste trabalho sobre a ótica do filósofo Baruch Spinoza. Para Spinoza (2010), o ser humano não consegue viver livre dos afetos, a sua vontade não é livre, há uma relação de dependência entre o indivíduo e os afetos. Não se pode ir contra a natureza humana. Por exemplo, se um sujeito quer parar de usar drogas, tem que atacar as motivações, esses afetos que os levam ao vício.

É impossível falar dos afetos em Spinoza sem mencionar a indissociabilidade entre mente e corpo. Para o filósofo, ambos estão ligados, se correspondem mutuamente, afinal há de fato, união entre mente e corpo. Quando o corpo percebe, sente várias coisas, a mente simultaneamente também percebe e sente. A mente e o corpo são um único e mesmo indivíduo. Os dois agem em conjunto. O corpo humano para se conservar precisa de outros corpos exteriores ao dele, e por meio desses corpos é constantemente regenerado e nessa busca permanente por outros corpos, o corpo humano movimentase, afeta outros corpos e é afetado de diferentes maneiras. (Spinoza, 2010).

Spinoza já falava a respeito dos afetos como ação de afetar, compreendia-os como afecções do corpo e as ideias dessas afecções. As afecções são imagens ou marcas corporais que remetem a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante (o corpo que afeta). O afeto seria o processo de transição de um estado para o outro. Através das afecções não só a potência de agir do afeto é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, mas também as ideias dessas afecções. Por exemplo, quando a potência de agir é aumentada surge o sentimento da alegria, quando diminuída, da tristeza. É a potência que define a força de um afeto. A potência de agir varia em função de causas exteriores. O afeto é uma ação quando o sujeito é a causa de uma dessas afecções, e uma paixão quando o indivíduo é afetado. Para Spinoza, o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, por

corpos exteriores, por objetos e cabe a cada ser humano julgar, de acordo com seu afeto, o que é bom e o que é mau. Tudo o que acontece no corpo humano deve ser percebido pela mente e todas as maneiras pelas quais um corpo é afetado seguem-se da natureza do corpo afetado e, simultaneamente, da natureza do corpo que o afeta. (Spinoza, 2010).

Uma fotografia, por exemplo, pode afetar um sujeito de diversas maneiras, seja ao trazer uma boa recordação, seja uma má lembrança; um cachorro é afetado pela presença do dono ao abanar o rabo de alegria, ou mordendo-o caso esteja com raiva; o cheiro de um perfume afeta o sujeito seja despertando a vontade de usar ou não, às vezes até a recordação de um momento vivido. Spinoza reconheceu a existência de apenas três afetos primitivos: a alegria, a tristeza e o desejo. Todos os outros afetos estão relacionados a esses três.

Spinoza (2010) elenca o desejo como a essência do homem, é um afeto do ânimo, é o que conserva o ser, um modo de pensar como o amor também. O desejo ao produzir o real também produz o social. Existem diferentes tipos de desejos. O desejo de um indivíduo discrepa do desejo de um outro, tanto quanto a natureza ou essência. O desejo, assim como o amor, se origina no primeiro modo de conhecimento (a opinião), pois, se alguém ouve dizer que uma coisa é boa, adquire o apetite e a atração por ela, tal como se vê em um enfermo que, só por ter ouvido dizer ao médico que ou qual remédio é bom para seu mal, imediatamente se sente inclinado ao remédio. (Espinoza, 2012).

Os afetos formam arranjos sociais e também arranjos afetivos. Não só as relações sociais, mas também a própria cultura é edificada sob uma base afetiva. Por meio dos afetos os indivíduos expressam a cultura e a sociedade impregnada na sua individualidade, afinal toda ação humana é ação da cultura internalizada dentro de cada um e sendo o afeto uma ação, não existem afetos sem a mediação da cultura nem cultura sem a mediação dos afetos.

O ser humano é *homo sapiens demens*ⁱⁱ, ser invadido pela racionalidade e pela afetividade, movido pelas pulsões, por forças, pelo desejo. Desejo de estar junto, de se comunicar, de ser reconhecido pelo outro, de criar vínculos, de afetar e ser afetado. O homem quando está submetido aos afetos não tem poder sobre si, é o acaso que exerce esse comando. “Os afetos e as pulsões fazem parte da infraestrutura de produção do social e estão presentes nela de todas as maneiras. É a própria instituição do desejo.” (Deleuze & Guattari, 2010, p.90). Desejo espalhado por toda a sociedade e mola propulsora da cultura, desejo que também alimenta as festas de música eletrônica. Desejo de diversão, de gozo, de batidas eletrônicas.

Quando as batidas eletrônicas afetam o corpo...

Nas festas de música eletrônica o participante pode ser afetado de diversas formas: pela música, pela dança, por outros corpos e pelo *ecstasy*, droga que acabou se tornando peça-chave nesse tipo de festa. A música afeta o corpo de muitas maneiras, em diferentes momentos não só nas festas de música eletrônica, além de ser uma força da vida social e da própria estrutura da sociedade. A música tem papel ativo na definição de situações, porque, como todos os dispositivos e tecnologias, muitas vezes é ligada, por meio de convenção, aos cenários sociais, muitas vezes, de acordo com os usos sociais para a qual foi inicialmente produzida - música para dançar bolero, música de marcha para marchar e assim por diante. A música não é apenas meio 'significativo' ou 'comunicativo', vai além da transmissão de significado através de meios não-verbais. A música tem poder e está implicada em todas as dimensões dos órgãos sociais, pode influenciar a forma como as pessoas compõem seus corpos, como se comportam, como eles vivenciam a passagem do tempo, como se sentem - em termos de energia e emoção -. Sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as situações. (Denora, 2004).

A música é especificamente registrada por todo o corpo, não é uma simples questão de cognição mental. Este aspecto da experiência musical é mais vívido no caso nas festas de música eletrônica, o dançante recebe a música (é afetado por ela) através do corpo e expressa a ação da música em seu

corpo em cada ato de sua dança. As vibrações de todas as músicas são capazes de serem comunicadas por todo o corpo. A interação ocorrida entre sons e corpos será sempre parte de um resultado de respostas apreendidas, de disposições individual ou cultural. (Gilbert; Pearson, 1999).

A música eletrônica, para seus apreciadores, tem o poder de gerar o momento necessário de carregar o dançante num carpete de som musical. As vibrações expelidas por esse tipo de música afetam todo o corpo. A música eletrônica cria um cenário de excitação grupal, em que a experiência individual se torna coletiva e todos os presentes são varridos por um espiral de som. O turbilhão sonoro conecta os dançantes.

A interação social ocorrida numa pista de dança seria impossível sem o poder dos afetos ou dos sentimentos. A interação entre os dançantes e o *DJ* é plena. A experiência de escuta da música eletrônica, próxima do seu processo de criação, requer certo nível de concentração e foco. O ouvinte se torna parte do processo de criação musical no momento em que ele, ao dançar ou emitir alguma reação na pista de dança, guia o *DJ* no processo de construção de uma nova música. De acordo com alguns *DJs* são os dançantes que mandam na música, a pista é o termômetro, por meio dela, os movimentos e reações que os dançantes emitem o *DJ* sabe se a música que colocou realmente afetou os participantes de forma positiva ou não. Pode-se falar aqui de uma comunicação sonora mediada pela música e ativadora da potência de agir daquele corpo individual e social dançante, potência essa que aumenta o sentimento de alegria entre eles, possibilitando também a criação de paixões no sujeito quando o participante sofre a ação da música.

O corpo humano não só tem a necessidade, para conserva-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado, mas também pode mover e arranjar os corpos exteriores de muitas maneiras. (Spinoza, 2010). Deleuze (2002) ao se debruçar sobre o pensamento de Spinoza afirma que um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade. A dança é também forma de comunicação e expressão da paixão que o corpo sofre quando afetado pela música, por outros corpos ou até mesmo por substâncias lícitas ou ilícitas.

A dança desenha uma simbologia corporal no espaço e pode vir a promover a congregação entre os corpos, pois, também é elemento de sociabilidade e das relações sociais. O ato de dançar reforça simbolicamente as estruturas de uma comunidade, e a regulação do comportamento social (por exemplo, a função histórica de algumas danças como o minueto no desenvolvimento educativo da sensibilidade). A dança durante a história funcionou como uma válvula de segurança, para aliviar os participantes de ansiedades provenientes do feudalismo, das epidemias, da guerra, do capitalismo industrial, das marginalizações sociais. A dança também libera a pressão de impulsos libidinosos, como uma expressão de fome emocional. O prazer sentido ao dançar deve aliviar a carga social, sublimar o desejo libidinal, facilitar a função comunal ou ritualística, e subverter ou reforçar uma estrutura social. (Gilbert; Pearson, 1999).

Um corpo numa pista de dança, ao sofrer a ação da música eletrônica, realiza alguns passos que podem ser imitados até de forma mimética por outro participante, e em alguns momentos, se espalha para todos os sujeitos de maneira contagiante. Tudo isso acaba por construir um cenário em que participantes se enxergam uns nos outros e criam, possivelmente, identidades de grupo. O que se vê é uma pista completamente afetada: a música afeta corpos que dançam, que afetam outros corpos, que afetam o *DJ*, que afetam os corpos por meio da música. O círculo de afetação é criado. Quando Spinoza fala de corpo ele não se refere apenas ao corpo humano, pode ser um corpo social, um corpo sonoro, uma ideia, e no caso das festas de música eletrônica é notável uma afetação entre corpos humanos/sonoros, sonoros/humanos, humanos/humanos na criação de um corpo social. Deleuze ao se debruçar sobre o pensamento de Espinosa afirma que:

Um corpo qualquer, Espinosa o define de duas maneiras simultâneas. De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidades e de lentidões entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade. (Deleuze, 2002, p.128).

Ao afetar e ser afetado o corpo humano recebe diferentes estímulos que possibilitam não só a ação de afetar, mas também o sofrimento de uma paixão. Nas festas de música um importante condutor desses estímulos é a droga.

... e o corpo é afetado pelas drogas...

As drogas fazem parte da sociedade desde tempos arcaicos, no passado seu uso geralmente era de caráter medicinal e religioso. Também se fazia uso recreativo cujo objetivo era socializar o prazer. Na pré-história, por exemplo, substâncias psicoativas eram utilizadas com finalidade de cura geralmente durante uma experiência religiosa. Hoje em dia também muitas pessoas ainda usam drogas com intuito de amenizar dores e sentir prazer. É com fim de gozo que as drogas vão ganhar significado basilar nas festas de música eletrônica.

A música eletrônica atrelada às condições subjetivas emocionais, ao gosto, ao local onde se é escutada, à atmosfera do ambiente, pode conduzir ao êxtase; e unida a outros aditivos químicos como a maconha, o LSDⁱⁱⁱ, a ketamina ou *special K*^{iv}, entre outros, ajuda no desenvolvimento da sociabilidade em algumas situações. Há momentos em que as drogas distanciam o indivíduo da realidade, aumentando a possibilidade da incomunicabilidade entre os participantes e da não-sociabilidade.

De acordo com Sigmund Freud, a vida, da maneira que ela se encontra, é árdua demais para os seres humanos, proporcionando muito sofrimento, decepções e tarefas difíceis. Para suportá-la, não se pode dispensar as medidas paliativas. As substâncias tóxicas, ou ilícitas, seriam uma delas, substâncias essas que podem provocar um incrível sentimento de prazer. O que rege o objetivo da vida do ser humano é o princípio do prazer, dominando o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Há algumas substâncias que, quando presentes no sangue ou nos tecidos provocam diretamente sensações prazerosas, alterando também as condições que dirigem a sensibilidade, tornando o indivíduo incapaz de receber impulsos desagradáveis. Com o auxílio dessas substâncias, é possível atingir um grau de independência do mundo externo, afastando-se da realidade e encontrando refúgio em um mundo particular, com melhores condições de sensibilidade. (Freud, 1996). Para Freud, a felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Ele aponta as substâncias intoxicantes como uma das formas de alcançar a felicidade de forma momentânea.

As emoções e os afetos estão diretamente conectadas com essa experiência de gozo e êxtase. Quando o corpo entra em êxtase ele é afetado por algum estímulo, às vezes a dança, outros casos a ingestão de alguma substância, a música também pode levar ao êxtase, e o corpo responde de maneira positiva aumentando a potência de agir, ou negativa, quando a potência de agir é diminuída e o sujeito entra numa *bad trip*^v. O êxtase também produz cultura.

Alguns estudiosos da semiótica da cultura, como Ivan Bystrina, afirmam que o êxtase é considerado uma das fontes de produção de cultura. As fontes de cultura se encontram em quatro momentos: nos sonhos; nas atividades lúdicas; nos desvios psicopatológicos como neuroses, paranoias, esquizofrenias; e por fim nas situações de êxtase e euforia (provocadas ou não, com o auxílio de algumas substâncias). O resultado da ação destes quatro fatores implica na emergência de um complexo sistema comunicativo chamado cultura.

Nas festas de música eletrônica a droga mais utilizada e fonte de êxtase é o ecstasy, cientificamente denominado de metilendioximetanfetamina (MDMA), mais conhecido popularmente como E ou bala. O MDMA afeta o corpo fisicamente, psicologicamente e socialmente. Depois de digerido, o ecstasy penetra na corrente sanguínea que o conduz para todas as partes do corpo. Uma parte atinge o cérebro, onde a serotonina e a dopamina são liberadas. Essas duas substâncias são chamadas de neurotransmissores, pois controlam a transmissão de mensagens entre os neurônios provocando alterações no humor. (Saunders, 1996).

O MDMA gera um efeito singular entre as drogas recreativas: a empatia, que produz prazer aumentando a capacidade de comunicação. Essa característica faz da substância uma droga adequada para experiências em grupo. A sensação de quem usa é geralmente equiparável à de estar apaixonado, os usuários sentem-se relaxados, felizes, menos tímidos e mais afetuosos, e o ecstasy também estimula as pessoas a trocarem o isolamento pelo contato e a intimidade com os outros, potencializando o sentido do tato. Também pode oferecer uma derrubada rápida e significativa das estruturas de defesa de cada um, ao promover a abertura ao outro e maior sociabilidade entre os participantes. As pessoas que usam ecstasy aumentam a capacidade de interação social, incremento da habilidade para abordar e se relacionar com estranhos e uma melhora na capacidade de expressar os afetos. Os usuários de MDMA, sob seu efeito, demonstra uma afetividade que não expressa cotidianamente e essa atitude pode soar como falsa e gerar respostas antagônicas nas pessoas ou até embaraço. (Saunders, 1996.). Nesse caso, a sociabilidade pode ser interrompida.

O ecstasy é descrito também como *empatogênico*, despertando a empatia, como já mencionado anteriormente, a capacidade de se colocar na pele do outro, juntamente com a destruição das fronteiras pessoais de comunicação. As pessoas sob o efeito desta droga dizem estar muito mais à vontade para falar com os outros. Eis o motivo do E ser conhecido como a “droga do abraço”: torna o contato humano significativo durante o efeito. O ato de abraçar está ligado ao fato de querer sentir o próprio corpo, tocar a pele do outro, poder apreciar durante longos minutos uma simples carícia nas costas. (Lallemand; Shepens, 2002).

Quando várias pessoas tomam *ecstasy* juntos é o bem-estar que comanda o corpo, o sujeito é afetado pelo afeto da alegria e corpo é bombardeado de estímulos novos e já conhecidos. Pode-se falar de uma hipersensorialidade exacerbada que leva o corpo ao extremo, ao gasto, ao dispêndio, arrebatando em excitação e descontrole.

... explode o descontrole.

O gasto, o dispêndio é condição de vida. Georges Bataille afirma que os processos naturais de crescimento e reprodução dos organismos vivos seriam impossíveis se a planta ou o animal não dispusessem de um excedente gasto para a realização da vida. O princípio da matéria viva com suas operações químicas vitalícias exige dispêndio de energia, essas operações são utilitárias e criadoras de excedentes. O dispêndio começa nas estrelas que despande energia, o sol é um exemplo disso, e se estende por todo o cosmos, incluindo a vida em sociedade, os aspectos biológicos, econômicos, culturais.

Os homens encontram-se constantemente acometidos em processo de dispêndio. A variação dos tipos não causa alteração alguma dos caracteres fundamentais destes processos cujo princípio é a perda. A excitação acalora as coletividades e as pessoas. Os estados de excitação são equiparados a estados tóxicos, sendo compreendidos pela ciência como impulsos ilógicos e irresistíveis. A festa, um dos exemplos de dispêndio, de excitação coletiva, produto e produtora do social. A sociedade humana pode ter interesse em estragos consideráveis, em desastres que provocam, em conformidade com necessidades definidas, depressões tumultuosas, crises de angústia e, em última análise, um estado orgíaco. (Bataille, 2005).

Nas festas de música eletrônica o dispêndio caminha junto com excitação, o corpo excitado perde, é afetado por diferentes estímulos exteriores e gera o descontrole em alguns casos. O descontrole também protagoniza nessas festas. Lugar do excesso. As festas de música eletrônica, principalmente, as *raves*, chegam a durar mais 12 horas. A música só pode terminar quando o efeito passar. O corpo se torna dependente das batidas eletrônicas, atrelado ao dispêndio intenso de energia juntamente com a explosão sensorial. Fala-se aqui de uma descarga emocional – há o surgimento de um si global que evoca o consumo de si no instante vivido, os dançantes vibram, têm um *feeling*, “se entregam” com os outros – e sonora.

Há uma necessidade latente em buscar novas sensações na cultura contemporânea. Christoph Türcke fala de uma sociedade excitada e essa busca ele denomina *sensation seeking*. As sensações descontroladamente tomam o organismo, extrapolando por todo o corpo, dando-lhe o sentimento pleno de si, e a anestesia dos sentidos. Tem-se como exemplo a quantidade de danos auditivos produzida em indivíduos nos clubes ou por meio de fones de ouvido fala por si só. As sensações criam a necessidade de outras. (Türcke, 2010). O extremo do possível passa a ser cada vez mais alcançar sensações nunca sentidas, abusar dos sentidos, atingir, no caso das festas de música eletrônica, excitações coletivas, êxtases até então nunca vivenciados. A *sensation seeking* resulta também no descontrole.

Toda essa busca por sensações, o descontrole, o dispêndio, seria impossível se não fosse o poder dos afetos sobre o corpo. A afetação de um corpo pode gerar não só o dispêndio, mas também o descontrole. As festas de música eletrônica nesse contexto funcionam como fractais que por meio deles é possível enxergar a força e expressão dos afetos na sociedade e cultura contemporânea.

Referências

- Bataille, G. (2005). *A parte maldita*. Lisboa: Fim de século – Edições.
- Bystrina, I. (s.d.). *Tópicos de semiótica da cultura*. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Estudos em Semiótica da Cultura.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa – filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- Deleuze, G; Guattari, F. (2010). *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Ed. 34.
- Denora, T. (2004). *Music in everyday life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Espinosa, B. (2012). *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freud, S. (1996). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fritz, J. (1999). *Rave culture – an insider’s overview*. Canada: SmallFry Press.
- Gilbert, J; Pearson, E. (1999). *Discographies – dance music, culture and politics of sound*. New York: Routledge.
- Illouz, E. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lallemant, A; Schepens, P. (2005). *As novas drogas da geração rave*. Lisboa: Instituto Piaget.

Maffesoli, M. (2006). *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Morin, E. (2005). *O método 5 – a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Neves, T. (2010). *Batidas intensas: corpo e sociabilidade nas festas de música eletrônica em Natal*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Natal.

Saunders, N. (1996). *Ecstasy e a cultura dance*. São Paulo: Publisher Brasil.

Spinoza. (2010). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica.

Sylvan, R. (2005). *Trance formation – the spiritual and religious dimensions of global rave culture*. New York: Routledge.

Türcke, C. (2010). *Sociedade excitada – filosofia da sensação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

ⁱ *Dee Jay* ou DJ (*disk jockey*) é o artista da festa, o que controla a *vibe* (energia) dos dançantes. Ele mixa (mistura), a batida de duas ou mais músicas na mesma velocidade, nas mesmas bpm (batidas por minuto). A figura do *DJ* remonta à época dos músicos de Jazz dos anos 50, na qual os fãs se reuniam num clube para escutar os lançamentos e dançar. Era o fã que durante o intervalo dos *shows* mostrava as músicas, para manter a vibração da galera. Nos dias atuais, existem três tipos de *DJs*: o *DJ* móvel (móvel), o rádio *DJ* (opera nas estações de rádios) e o *club DJ* (*DJ* oficial, “residente”, fixo de um clube). Dados extraídos do texto “Sobre a cultura da música eletrônica e cibercultura” de Cláudio Manoel Duarte de Souza, retirado do site <http://www.pragatecno.com.br>. Visitado no dia 7 de janeiro de 2009.

ⁱⁱ De acordo com Edgar Morin, a especificação *homo sapiens* permanece insuficiente para explicar o ser humano. Um ser que é exclusivamente constituído de razão excluindo as esferas da loucura e do delírio, privado de vida afetiva, de imaginário, do lúdico, do estético, do mitológico e do religioso. A terminação *sapiens-demens* inclui a face da loucura, do delírio, da afetividade. (MORIN, 2005).

ⁱⁱⁱ Droga usada durante os anos 1960, no auge do movimento psicodélico. Em meados dos anos 1990 passou a incorporar as festas *raves* em lugares abertos em que geralmente o som tocado é o *psytrance*. Conhecida cientificamente como dietilamida do ácido lisérgico, de poder alucinógeno. Os efeitos no organismo duram de oito a doze horas, provocando ilusões, grande sensibilidade sensorial, sinestésias, paranóias, experiências místicas, alteração da noção temporal e espacial, sentimento de bem-estar, perda do controle emocional, experiências de êxtase, etc. O LSD não provoca dependência física. (Fritz, 1999).

^{iv} Conhecida cientificamente como cloridrato de cetamina. Usado em cirurgias veterinárias como anestésico. Seus efeitos duram de trinta a quarenta e cinco minutos, provocando desde um estado de leve embriaguez, até a sensação de desprendimento da alma em relação ao corpo. É extremamente perigoso misturar ketamina com antidepressivos, inclusive o álcool. (Fritz, 1999).

^v O termo *bad trip* quer dizer “viagem má” é utilizado para designar quando o sujeito tem sensações psicológicas e fisiológicas negativas devido ao uso de drogas.